



ONHEAMA



A CADEIRA DE BALANÇO

LUNA
EDITORA

A CADEIRA DE BALANÇO

Charlotte Perkins Gilman¹

Tradução: Lucas Marchetti

Um feixe de luz solar bruxuleante, um sinal luminoso que de imediato atraía o olhar, em meio à aspereza de tantas casas triviais na penumbra triste de uma estreita rua urbana.

Através de um telhado mais baixo, que criava uma fresta no muro de alvenaria, projetava-se um brilhante raio aplanado do sol poente, tocando os cabelos dourados de uma garota em uma janela aberta.

Estava sentada em uma cadeira de balanço de recosto alto e ornamentos de latão que reluziam enquanto ela se balançava lentamente, para frente e para trás e, mesmo sem nunca erguer a cabeça, iluminava a rua com o esplendor de seu cabelo fulgurante.

Nós dois paramos e apreciamos e, nessa apreciação, avisamos um pequeno aviso em uma janela mais abaixo — “alojamentos mobiliados”. Num impulso mútuo, cruzamos a rua e batemos à encardida porta de entrada.

Passos lentos e contínuos aproximaram-se pelo lado de dentro, e um delicado riso de menina findou subitamente quando a porta se abriu, mostrando-nos uma mulher velha, de face enfadonha e inexpressiva, com olhos esmaecidos.

Sim, ela dispunha de quartos para alugar. Sim, podíamos vê-los. Não, não havia serviço de quarto. Não, não havia refeições. Murmurando monocórdica as respostas, ela nos conduziu

1 Charlotte Perkins Gilman (1860 – 1935), foi uma escritora americana de gêneros variados, de ficção, não ficção e poesia. Era feminista utópica, em uma época na qual suas ações não eram esperadas vindas de mulheres, servindo de modelo para futuras gerações feministas por conta de seus conceitos não ortodoxos e seu estilo de vida. Seu trabalho mais famoso é o conto “O papel de parede amarelo”.

ao andar superior. Era uma casa bastante comum, em uma rua um tanto pobre, uma casa nada notável ou distinta das demais.

Ela nos mostrou dois aposentos conectados entre si, nem melhores nem piores que a maioria de seu tipo; aposentos sem qualquer característica marcante, salvo a grande cadeira ornada com latão que encontramos ainda a balançar-se suavemente diante da janela.

No entanto, a garota de cabelos dourados não estava em lugar algum à vista.

Imaginei ter ouvido um leve roçar de vestes juvenis no aposento interno e um sopro daquele riso baixinho, mas a porta que dava para esse cômodo estava trancada e quando perguntei à mulher se podíamos ver os outros quartos, ela respondeu que não havia outros quartos para alugar.

Depois de trocarmos algumas palavras em particular, Hal e eu decidimos alugar os quartos e nos mudar de imediato. Não havia motivo para o contrário. Estávamos procurando acomodações quando aquele raio de sol tremeluzente atraiu nosso olhar, e aqueles cômodos eram bons o suficiente pelo que poderíamos pagar. Assim, fechamos o negócio no ato, voltamos para nossa pensão deserta para pegar nossos poucos pertences e, naquela mesma noite, nos instalamos novamente.

Hal e eu éramos jovens jornalistas, recebíamos por linha escrita, e integrávamos aquela horda de aspirantes empenhados que representa para a literatura o mesmo que escudeiros e pajens para os cavaleiros antigamente. Estávamos tentando ganhar reconhecimento. Até então era um processo demorado, desagradável e mal remunerado — como acontecia com pajens e escudeiros, tenho certeza. Trabalho servil e um diligente polir de armaduras; longas caminhadas a pé enquanto o mestre cavalgava. Entretanto o escudeiro poderia ao menos prestar honras a seu senhor e líder, enquanto nós, ah! Poucas honras prestávamos àqueles que estavam acima de nós na profissão, e tínhamos boas razões. Nós, é claro, fariamos coisas muito mais nobres quando ganhássemos o mesmo reconhecimento!

Bem, pode ter sido por um mero instinto literário; a busca por “material” dos escritores da época, que escreviam qualquer coisa para sobreviver. Ou pode ter sido outro tipo de instinto, uma atração inconsciente pela jovem desconhecida. Qualquer que tenha sido a razão, porém, o lugar nos atraía, e ali estávamos.

Uma amizade longeva, iniciada na primeira infância, nos unia, ainda mais pelo fato de Hal ser entusiasmado, objetivo e astuto, enquanto eu era sensível e romântico. Compartilhávamos a franqueza confiante da convivência familiar, mas preservando o direito a intimidades, mantínhamos assim os afetos livres de tensões.

Examinamos com interesse as novas dependências. O quarto da frente, de Hal, era ligeiramente maior e sem mobília. O dos fundos, o meu, ligeiramente menor e sem mobília. Ele preferiu aquele quarto, tenho certeza, por causa da janela e da cadeira. Eu preferi o outro por causa da porta trancada. Nenhum de nós mencionou tais predileções.

— Você não quer mesmo ficar com este quarto? — perguntou Hal, talvez consciente das segundas intenções em sua escolha.

— Não, pode deixar — respondi, com igual reserva —, você só tem a rua, e de minha janela tenho uma “vista” de verdade. Só o invejo pela cadeira de balanço!

— Pode usá-la quando quiser, a qualquer hora do dia ou da noite — respondeu, generoso. — É tremendamente confortável, apesar da aparência sisuda.

Era uma cadeira confortável, muito confortável, e nós dois a usávamos bastante. Tinha o recosto bem alto, um pouco curvado no topo, com pesados cantos quadrados. Tais cantos eram adornados em latão, assim como as pontas das embaladeiras, os grandes seguradores agudos nas pontas dos braços e cada uma das pontas ou ângulos.

— Poderia ser usada como aríete! — disse Hal.

Sentou-se nela e, fumando, balançava calmo e complacente diante da janela, ao passo que me acomodei aos pés da cama e assisti a pálida lua crescente afundar sem pressa sobre os telhados a oeste. Ela desapareceu, finalmente, e o quarto escurecia cada

vez mais, até que eu só podia distinguir a aprumada cabeça de Hal e o encosto curvo da cadeira indo e vindo, recortados contra o céu escuro.

— O que nos trouxe aqui de forma tão súbita, Maurice? — perguntou ele na escuridão.

— Três coisas — respondi. — Nossa necessidade de acomodações, a conveniência destes quartos e belos cabelos.

— Correto — concordou ele. — Algo mais?

— Nada cuja existência você admitisse, meu amigo demasiado lógico. Mas tenho plena consciência de uma certa compulsão, ou ao menos atração, no caso, que parece não totalmente explicável, nem mesmo por uma cabeleira dourada.

— Desta vez tenho que concordar com você — disse Hal. — Me sinto da mesma forma, e olha que não sou uma pessoa impressionável.

Ficamos em silêncio durante algum tempo. Devo ter fechado os olhos. Talvez tenha sido mais tempo do que pensei, mas me pareceu apenas um instante quando algo roçou de leve meu braço, e Hal, em sua grande cadeira, balançava-se a meu lado.

— Desculpe — disse-me, vendo que eu levava um susto —, esta cadeira evidentemente “caminha”, como já vi outras fazerem.

Eu também já havia visto cadeiras de balanço “caminharem” sobre tapetes, mas não havia tapetes ali, e eu achava que estava acordado.

Ele puxou o pesado móvel de volta para a janela e fomos dormir.

Nossa porta estava aberta, e podíamos conversar de um quarto para outro, mas caí no sono e dormi profundamente até a manhã seguinte. Devo ter tido sonhos muito vívidos, pois ele me acusou de ter passado metade da noite balançando na cadeira. Disse que podia ver minha silhueta recortada claramente contra a luz das estrelas.

— Não — respondi — você sonhou. Você ficou com a cadeira de balanço na mente.

— Então foi um sonho — ele respondeu entusiasmado. — É melhor um pesadelo do que uma contradição, um vampiro do que uma discussão! Venha, vamos tomar o café da manhã!

Nós nos intrigávamos bastante, com o passar dos dias, por não voltarmos a ver nossa encantadora jovem de cabelos dourados; mas nos intrigávamos em silêncio, sem comentar nada um com o outro. Às vezes, eu ouvia os delicados movimentos dela no cômodo contíguo ao meu, ou um riso suave em algum lugar da casa. Os passos lentos e contínuos da mãe, entretanto, eram mais frequentes, e mesmo ela nem sempre estava à vista.

Até onde sei, tanto Hal como eu, só víamos a garota quando olhávamos da rua para dentro da casa, pois ela continuava usando nossa cadeira diante da janela. Isso nos desagradava, ainda mais por deixarmos as portas trancadas, e a presença dela certificava a posse de outra chave. Não; havia a porta em meu quarto! Mas nada falei sobre isso. Sob essas circunstâncias, entretanto, não fizemos qualquer reclamação, e costumávamos apressar-nos furtiva e rapidamente escada acima, na esperança de surpreendê-la. Nunca conseguíamos, porém. Apenas a cadeira era encontrada ainda balançando e, em algumas ocasiões, eu pensava sentir um vaporoso odor adocicado no ar, um estranho odor triste e sugestivo.

Um dia, porém, quando achei que Hal estava lá, entrei de repente, sem cerimônia, e a surpreendi. Foi apenas um vislumbre, um movimento fugaz, leve e silencioso, e ela desapareceu, indo para meu próprio quarto. Fui atrás dela para me desculpar pela entrada repentina, mas era tarde demais. A porta invejada estava trancada de novo. A bela filha de nossa senhoria era, claro, muito tímida quando pega em flagrante, mas tinha uma predisposição pouco habitual a tomar liberdades em nossa ausência.

Ainda assim, eu a tinha visto, e por aquela visão eu seria capaz de perdoar muita coisa. Ela tinha uma beleza estranha, infinitamente atraente, mas igualmente desconcertante. Maravilhei-me em segredo e ansiei com dolorosa avidez por outro encontro, mas não contei a Hal que a surpreendera. Não parecia justo com

a garota! Talvez ela tivesse alguma boa razão para ir lá. Quem sabe eu pudesse encontrá-la outra vez.

Passsei então a voltar mais cedo para casa, por um motivo ou outro, e a inventar todo tipo de incumbência para entrar no quarto quando Hal não estava. Houve infindáveis ocasiões em que, achando que ele estaria no centro da cidade, tive a surpresa de encontrá-lo no quarto, e notei algo meio forçado em suas explicações desnecessárias. Comecei então a me questionar se ele também não estaria na mesma busca que eu.

Logo tive certeza. Cheguei à esquina da rua, num fim de tarde, exatamente ao pôr do sol, e... Sim, lá estava o balançar rítmico dos cabelos radiantes, emoldurados pela escuridão da janela aberta. E lá também estava Hal, na rua, embaixo da janela. Ela olhou para fora e sorriu. Ele entrou e subiu as escadas.

Apertei o passo. Tive tempo de ver o movimento da cadeira cessar e a cabeleira loura virar-se na direção de Hal, parado atrás dela, nas sombras. Cruzei a porta da casa, percorri toda a rua, caminhei uma hora, duas horas. Comi uma ceia tardia em um algum lugar e retornei quase na hora de dormir, com um sentimento pungente e amargo no coração, que tentei racionalizar em vão. Seria difícil argumentar o motivo de Hal não ter tanto direito quanto eu de encontrar-se com ela, mas, ainda assim, estava estranhamente zangado com ele.

Quando voltei, a lâmpada brilhava por trás da cortina branca, e a sombra da grande cadeira projetava-se nela, imóvel. Outra sombra passou. Hal fumava. Subi. Ele me cumprimentou com entusiasmo e me perguntou por que eu estava chegando tão tarde. Onde eu havia jantado. Estava estranhamente empolgado. Houve uma repentina e terrível sensação de dissimulação entre nós; porém ele nada me contou, e eu nada perguntei, e fomos dormir em silêncio.

Eu o culpava por não dizer nada sobre nosso belo mistério, mas também não lhe contara nada sobre meu próprio encontro. Atormentei o cérebro com questões sobre quanto ele a havia visto de fato, se ela havia lhe falado, o que ela dissera, quanto

tempo havia ficado. Me revirei a noite toda, e Hal também estava insone, pois eu o ouvi balançando na cadeira por horas, diante da janela, ao lado da cama, perto da minha porta. Nunca soube de uma cadeira de balanço que “caminhasse” tanto quanto aquela.

Perto do amanhecer, o rangido e o movimento constantes foram demais para meus nervos e para meu humor.

— Pelo amor de Deus, Hal, pare com isso e vá para a cama!

— O quê? — respondeu uma voz sonolenta.

— Chega de tolice! — exclamei. — Não preguei os olhos esta noite por causa do seu balançar interminável. Agora pare e vá para a cama.

— Ir para a cama?! Passei a noite toda na cama e queria que você também tivesse passado! Você não consegue usar a cadeira sem me culpar por isso?

E o tempo todo eu o ouvia balançar, balançar, balançar perto da porta do corredor.

Levantei-me furtivamente e entrei no quarto, no intuito de surpreender o inoportuno engraçadinho e condená-lo no ato.

Os dois cômodos estavam cobertos pela tênue fosforescência do luar refletido. Eu os conhecia até no escuro, mas mesmo assim tropecei perto da porta e caí com tudo no chão.

Hal saiu da cama de imediato e acendeu a luz.

— Machucou-se, meu caro?

Eu estava machucado, e a culpa era toda dele, pois a cadeira não estava onde eu supunha, mas, sim, perto da porta do meu quarto, onde ele devia tê-la deixado para pular na cama ao me ouvir chegar. Assim, não foi de forma afável que recusei sua oferta de ajuda, e voltei mancando para meu travesseiro insone. Eu havia batido o tornozelo em uma das embaladeiras com ponta de latão, e doía muito. Nunca vi uma cadeira tão planejada para machucar quanto aquela. Era tão grande, pesada e desequilibrada, com juntas e cantos tão bem calçados com latão. Hal e eu já nos havíamos machucado com ela antes, sobretudo no escuro, quando esquecíamos onde a coisa estava, mas nunca daquele jeito. Brincadeiras como aquela não eram do feitio de

Hal, e tanto o coração quanto o tornozelo doíam quando me acomodei de novo na cama para me revirar e cochilar e sonhar e acordar sobressaltado até o amanhecer.

Hal era a gentileza em pessoa, mas continuava insistindo que estivera dormindo e que havido sido eu a balançar a noite toda, até que fiquei irritado de verdade.

— Essa brincadeira está indo longe demais — disse eu, enfim. — Não me importo com uma brincadeira, mesmo quando machuca, mas há limites.

— Sim, há — disse ele, persuasivo, e deixamos o assunto de lado.

Vários dias se passaram. Hal teve repetidos encontros com a garota de cabelos dourados. Eu os via da rua; mas, fora esses vislumbres amargos, esperei em vão. Era difícil suportar, mais difícil até do que o crescente afastamento entre nós dois, que me causava uma dor profunda. Creio que qualquer um de nós ficaria feliz em ir embora sozinho, mas nem ele nem eu estávamos dispostos a deixar o outro com o quarto, a cadeira e a bela desconhecida.

Voltando inesperadamente para casa, certa manhã, encontrei a senhoria de face inexpressiva arrumando os quartos e decidi causar-lhe uma boa impressão, sem razão alguma.

— É uma bela cadeira antiga que a senhora tem aí — disse eu, enquanto ela polia mecanicamente os cantos de latão com seu avental.

Ela olhou para o escuro móvel lustroso quase com uma ponta de orgulho.

— Sim — disse ela —, uma bela cadeira!

— É antiga? — insisti.

— Muito antiga — respondeu ela, sucinta.

— Mas eu achei que cadeiras de balanço fossem uma invenção americana moderna — disse eu.

Ela me olhou com desinteresse.

— É espanhola — informou. — Carvalho espanhol, couro espanhol, latão espanhol e...

Não entendi a última palavra dita pela mulher, que deixou o quarto sem dizer mais nenhuma.

Era estranha e desequilibrada, aquela cadeira, apesar de ser tão confortável sentar-se nela. As embaladeiras eram longas e afiadas atrás, sempre à espreita dos imprudentes, mas curtas na frente, e o encosto era tão alto e tão pesado no topo, por conta do peso e da frente curta, que caía para a frente com facilidade e violência igualmente assombrosas.

Eu sabia disso por experiência própria, pois ela despencara sobre mim em alguns de nossos frequentes encontros. Hal também tinha sido vitimado. No entanto, apesar de nossos múltiplos traumas, nenhum de nós queria que a cadeira fosse removida, uma vez que a garota se sentava nela, tarde após tarde, para balançar-se à luz dourada do sol poente.

Assim, tarde após tarde, nós dois saíamos do trabalho o mais cedo possível e voltávamos correndo, separados e por diferentes caminhos, para a rua imunda e a adorada janela.

Eu não poderia suportar para sempre. Quando Hal chegava em casa primeiro, eu, demorando-me na rua, lá embaixo, podia ver, através da nossa janela, aquela cabeça encantadora e a dele, muito próximas. Quando eu chegava antes, conseguia às vezes um breve olhar vindo lá de cima, um sorriso desconcertante, e nada mais. Ela já havia sumido, quando eu entrava no aposento, e a porta interna do meu quarto permanecia irrevogavelmente trancada.

Às vezes, eu até ouvia o ruído da fechadura e o esvoaçar das vestes do outro lado. Houve ocasiões em que essa decepção diária, essa agonia constante da esperança adiada, fazia com que eu caísse de joelhos diante da porta, implorando à donzela que abrisse para mim, chamando-lhe por cada palavra de apaixonado carinho e de persuasão que o coração torturado de um homem poderia evocar.

Agora Hal não mais me falava nem me olhava, salvo por uma polidez premeditada e uma fria indiferença. E como poderia eu tratá-lo de modo diferente, com tantas provas de que era um mentiroso?

Eu o vi, a partir da rua, certo fim de tarde, em plena luz do sol aplanada, sentado naquela cadeira, com a bela cabeça apoiada em seu ombro. Aquilo foi mais do que eu conseguiria suportar. Se ele havia ganhado, e ganhado de forma tão plena, eu apenas pediria para falar com ela uma só vez, e diria adeus aos dois, para sempre. Então subi a escada com passos pesados, bati à porta com força e, quando Hal respondeu “Entre!”, assim o fiz. Encontrei-o sentado sozinho, fumando. Sim, fumando na cadeira na qual, momentos antes, ela também estivera!

Ele havia acabado de acender o charuto, um truque barato para iludir-me.

— Escute aqui, Hal! — disse eu —, não consigo mais aguentar isso. Posso pedir uma coisa? Deixe-me vê-la uma vez, apenas uma vez, para que eu possa dizer adeus, e então nenhum de vocês vai precisar me ver novamente!

Hal pôs-se de pé e olhou-me diretamente nos olhos. Então jogou o charuto inteiro pela janela e veio até mim, parando a meio metro de distância.

— Você está maluco? — perguntou. — Eu, pedir algo a ela? Eu! Jamais conversei com ela! E você... — ele conteve-se e me deu as costas.

— E eu o quê? — agora eu queria ir até o fim, como quer que fosse.

— E você a tem visto dia após dia, tem falado com ela... Não preciso repetir tudo que meus olhos viram!

— Não precisa mesmo — revidei. — Seria levar longe demais suas invenções. Eu a vi neste quarto apenas uma vez, e foi apenas um vislumbre, ela não disse uma palavra. Mas eu a vi da rua várias vezes... com você!

Ele ficou pálido. Afastou-se de mim, indo para a janela, e então se virou de novo.

— Eu nunca a vi neste quarto, por um momento sequer, como você diz que viu. Da rua, eu a vi várias vezes... com você! Trocamos olhares.

— Está me dizendo... — perguntei-lhe detidamente — que não acabei de ver você sentado naquela cadeira, diante daquela janela, com ela nos braços?

— Pare! — esbravejou ele, agitando a mão em um gesto furioso.

Ela bateu com força no canto do encosto da cadeira. Ele limpou de forma mecânica o sangue que brotou do corte angular, olhando-me fixamente.

— Eu vi você — repeti.

— Não viu! — ele rebateu.

Virei-me lentamente e entrei em meu quarto. Não podia suportar dizer àquele homem, mais que um irmão para mim, que ele estava mentindo.

Sentei-me na cama, com a cabeça entre as mãos, e dali a pouco ouvi a porta de Hal abrir-se e se fechar, ouvi seus passos na escada e a porta da frente batendo quando ele saiu. Ele havia partido, eu não sabia para onde, e se estivesse indo para sua morte, e uma palavra minha fosse capaz de impedi-lo, eu não a teria dito. Não sei quanto tempo fiquei ali, sentado, na companhia do amor desalentado, do ciúme e do ódio.

De repente, do silêncio do quarto vazio, soaram os rangidos regulares da grande cadeira se balançando. Talvez... Devia ser! Saltei em pé e, sem fazer nenhum ruído, abri a porta. Lá estava ela, sentada diante da janela, olhando para fora, e... sim, ela atirou um beijo para alguém lá embaixo. Ah, como era bela! Tão bela! Dei um passo em sua direção. Estendi as mãos e pronunciei não sei o quê. Na mesma hora, ouvi os passos rápidos de Hal subindo a escada.

Ela também ouviu e, lançando-me um olhar sutil, misterioso e triunfante, passou direto por mim e foi para o meu quarto, no mesmo instante em que Hal entrou pela porta. Ele a viu saindo. Veio direto para mim, e achei que iria me bater naquele exato momento e lugar.

— Saia da frente! — ele gritou. — Vou falar com ela. Não é suficiente que eu a veja? — ele apontou a janela com a mão machucada. — Deixe-me passar!

— Ela não está aí dentro — respondi. — Ela passou para o outro quarto.

Um riso leve soou perto de nós. Um riso suave, delicado e cristalino, quase junto ao meu cotovelo. Ele empurrou-me para fora de seu caminho, escancarou a porta e entrou. Meu quarto estava vazio.

— Onde você a escondeu? — perguntou.

Apontei com frieza para a outra porta.

— Então quer dizer que o quarto dela tem uma porta para o seu, não é? — ele murmurou, com um sorriso azedo. — Não me admira que você preferisse a “vista”! Talvez eu também possa abri-la! — E posicionou a mão sobre a maçaneta.

Eu então sorri, pois a amarga experiência havia me ensinado que aquela porta estava sempre trancada, mesmo com todas as minhas preces e súplicas. Ele que se ajoelhasse ali, como eu fizera! Mas a porta se abriu sob sua mão! Corri para junto dele, e juntos olhamos... um closet, sessenta centímetros por um metro e vinte, tão vazio e apertado quanto um ataúde desocupado!

Ele virou-se para mim, tão lívido de raiva quanto eu estava de terror. Eu não pensava nele.

— O que você fez com ela? — ele bradou. E então, cheio de desprezo: — Eu devia parar de fazer perguntas a um mentiroso!

Não lhe fiz caso, mas voltei para o outro quarto, onde a grande cadeira balançava diante da janela.

Ele me seguiu — furioso com a decepção — e colocou a mão sobre o encosto que balançava; os dedos fortes apertando-a até as unhas ficarem brancas.

— Você vai embora deste lugar? — perguntou ele.

— Não — eu respondi.

— Não vou mais viver com um mentiroso e traidor — ele afirmou.

— Então vai ter de se matar — disse eu.

Vociferando um esconjuro, ele saltou sobre mim, mas tropeçou na longa embaladeira da cadeira e desabou no chão. Uma onda de ódio tão grande brotou em meu coração que poderia tê-lo pisoteado ali onde ele estava caído, matando-o como a um cão. Com um esforço tremendo, porém, virei-lhe as costas e saí do quarto.

Quando voltei, o dia já havia clareado. Era cedo, e o sol ainda não havia raiado, mas a luz intensa já banhava telhados e paredes e ruas. Parei no piso térreo para encontrar a senhoria e comunicar-lhe minha partida imediata. Porta após porta, bati, testei e abri. Quarto após quarto, entrei e vasculhei minuciosamente. Em toda a casa, do porão ao sótão, não havia qualquer aposento mobiliado, salvo os nossos, e nenhum sinal de ocupação humana. Poeira, poeira e teias de aranha por toda parte. Nada mais.

Com um estranho aperto no coração, voltei à nossa própria porta.

Tive certeza de ter ouvido, lá dentro, os passos lentos e contínuos de nossa senhoria, e aquele riso delicado, baixinho. Precipitei-me para dentro.

O aposento estava privado de qualquer vida; ambos os quartos estavam totalmente vazios.

Sim, de qualquer vida. Pois, com o amor de uma vida inteira aflorando em meu coração, corri até onde Hal jazia, sob a janela, e o encontrei morto.

Morto, e de uma forma horrível. Três ferimentos acentuados, golpes. Três lacerações angulares profundas... Coloquei-me de pé, num salto. Até a cadeira havia desaparecido!

De novo o riso sussurrado. Desesperado, saí correndo daquela casa de horror.

Na rua, lancei um olhar hesitante para a janela fatídica.

O sol nascente dourava todos os telhados, e seus raios aplanados, batendo nas vidraças mais altas do edifício do outro lado da rua, refletiam-se de volta em gloriosa tranquilidade, iluminando a grande cadeira diante da janela, a doce face, os olhos voltados para baixo e os cabelos dourados que balançavam, para a frente e para trás.

CONHEÇA O NOSSO CATÁLOGO

Leitor(a), você está por dentro dos últimos lançamentos da Luma Editora?
O que acha de aproveitar o término deste livro para conhecer outros dos nossos títulos e atualizar a sua lista de leitura?

O Melhor do Terror Nacional - A Pata do Macaco - A Mascara de Prata





A **Luva Editora** tem como missão fomentar a literatura nacional, valorizando o escritor e histórias brasileiras, o que só é possível graças a você: leitor.

Ficamos muito contentes que tenha passado esse tão precioso tempo com nosso livro, se aventurando na imaginação daqueles que contaram essa história.

Agora, convidamos você a conhecer os demais títulos da nossa editora. Temos certeza que muitos deles terão um lugar especial na sua estante e em sua memória.

Conheça a nossa loja:
luvaeditora.com.br



/luvaeditora



(21) 984523455



@luvaeditora